



Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e Impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcel'os

## A instrução popular



N

Suissa, como bem claramente ficou demonstrado nos resumidos topicos da conferencia aqui feita pelo snr. Abreu Graça, é, de todas, a nação que mais praticamente cuida da cultura intellectual do ser humano e, portanto, aquella nação que, pela diffusão do saber, procura adeantar-se, mais ainda, no progressivo desenvolvimento das Artes.

Nós, deante da exposição ligeira, mas clara, do que é a instrução popular na Suissa, ficamos como que envergonhados, por sermos portuguez —um povo que quer avançar em progresso—por não termos um methodo de instrução capaz de transformar, — não a raça, que a nossa é das que mais gloriosas tradições tem na historia do mundo — mas a intellectualidade do cidadão. Pasmamos, de admiração, em face do adeantamento da escola da Suissa.

Alli, ha o verdadeiro e mais pratico methodo d'ensino:—entre nós ha um alluvião de leis, as mais d'ellas impraticaveis pela confusão que estabelecem...

Entre nós, no nosso paiz, a instrução do povo tambem se vae sentindo avançar, progredir, pelo modo pratico da sua direcção e pela persistencia, verdadeiramente energica que, para sua efficacia, tem sido posta por muitas iniciativas particulares.

Não deve ficar sem reterencia o facto de ha, apenas um anno, aqui se ter creado, sob a melhor protecção do publico barcellense, a *Liga Barcellense d'Instrução e Educação* e de ter ella já, sob sua guarda, a educação de muitas pessoas adultas e

creanças, já hoje algumas d'aquellas tornadas em alumnos distinctos da sua escola nocturna.

A festa escolar do dia 9 do corrente, effectuada com brilho pelos alumnos da escola da *Liga*, commemorando o 1.º anno da fundação da mesma escola, provou, sem contestação, entre nós, o facto que deixamos apontado: *a instrução do povo vae sentindo-se avançar*. E convem notar: que das escolas officiaes, regidas sob as disposições das leis do Estado, o alumno d'instrução primaria não adianta tanto como aquelle que frequenta as escolas fundadas pela iniciativa particular. Quem contesta este facto tão evidentemente provado, entre nós, na ultima festa dos alumnos da *Liga*?

Quizemos bordar estas considerações ligeiras, para dizer, com referencia á instrução publica, que: **a acção particular, póde mais e é mais pratica, que a acção dos poderes publicos.**

Mas não concluamos ainda aqui as nossas considerações feitas em forma de pressa, para attestar, com prova evidente, o nosso asserto:

" . . . . . em 1903-1904 o numero total de alumnos aprovados em exame foi de 17:396; em 1902-1903, 17:723. Havia já então muito mais de 5:000 escolas, o que nos dá uma media inferior a **4 alumnos por escola**. Ainda que se presuma que em leitura e escripta o ensino primario official habilitou outro tanto, mesmo assim, é manifesta a insufficiencia e, pode dizer-se, o desperdicio."

«Gastaram-se, em 1903-1904, com a instrução primaria, (vencimento de cathogoria e de exercicio dos professores, gratificações, inspecção, subsidios, rendas de casa e premios) **1:408:938\$467 reis**. Confrontando com o numero de alumnos apurados em exame n'aquelle anno, temos a des-

pesa media, por **cada um**, de **80:992 reis**, despesa que descerá a metade, aproximadamente, se fizermos o calculo proval por alumno que aprendeu a ler e escrever.»

Ora aqui está, bem claramente demonstrado, o que se gasta nas escolas officaes e qual o resultado d'essa enorme despesa. Mas deixemos as considerações e vamos á continuação dos factos :

Fornece-nos a *Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, fundada em Lisboa, o seguinte argumento para provar um maior aproveitamento e menor dispendio :

«Dois mil professores ambulantes, realisando cada um, por anno, duas missões de cinco mezes em duas freguezias de um concelho, ensinariam a ler e a escrever, conforme os nossos resultados obtidos, (calculando a 25 alumnos por missão), **100:000 analfabetos**, aproximadamente. Pagando-se a cada professor a quantia de 330\$000 reis annuaes, tinha-mos a despeza total de reis **660:000\$000**. D'esta forma pratica, estaria necessariamente vencida, no fim de 30 annos, a campanha contra o analfabetismo.

Confrontemos : — O Estado, gastando reis,

1:408:9338\$467, em 903-904, conseguiu que, em exame, ficassem approvados **17:396** alumnos; isto é : poderiam ficar, sabendo ler e escrever, rasoavelmente, o dobro, 34:792 alumnos.

Em escolas d'iniciativa particular (serve-nos ainda de base o documento, que temos, da referida escola pelo Methodo João de Deus) e com a despesa de **660:000\$000 reis**, poderíamos ensinar, não diremos já os 100:000 analfabetos citados mas, pelo minimo, o minimo até exaggerado, 50:000.

\* \* \*

E' tempo de concluir esta já enorme tirada. Ficamos, por isso, por aqui, manifestando o desejo de que, entre nós, a iniciativa particular faça por que, da acção meritoria dos que se preocupam com a educação do povo, saia, em calorosa manifestação d'amor pelo Saber, a luz, a instrução do povo trabalhador, que é este que mais precisa d'ella. Que a acção particular é mais proficua, mais proveitosa e menos dispendiosa, que a acção do Estado, em assumptos d'instrucção, está demonstrado.

## PICCOLEZZE

Modestas notas sobre linguagem

### O Colera

A pobre lingua portugueza continua a ser maltratada e estropiada em toda a linha, e cada vez se vae mais gafando, e tornando de formosa, opulenta e autonomia, uma verdadeira manta serzida de farrapos os mais heterogeneos, tornando-se um verdadeiro cap'emcollo, ameaçada de transformar-se em heteroclitia algaravia.

E o verdadeiro, e quando menos o maior culpado de que assim succeda, é o jornalismo, em cujas columnas pouco se cura de vernaculidade, perpetrando os maiores desmandos, e escandalosos atentados contra esta ainda aquelles a cuja frente, ou cujo corpo de redacção se acham e contam pessoas a quem bem e inteira responsabilidade, parece, de taes excessos, se poderá pedir.

De modo que a lucta em que se tem empenhado alguns cultores das boas letras, para extirpar da linguagem portugueza a gafaria que desde muito, e sobretudo nos ultimos tempos em conti-

nua e impetuosa investidas a vae assoberbando, e á frente de todas ellas, com inquebrantavel esforço e applaudivel galhardia, o sr. Dr. Candido de Figueiredo, bem poucos resultados assignalaveis tem logrado conseguir e quasi, quasi *voces clamantiam in deserto*, por abafados pelo tumultuar dos incontaveis galliciparlas, angliciparlas, e burundangoparlas.

Em todos os dias lendo os diarios de Lisboa, e em todos elles sem excepção, me acodem á mente as considerações que deixo escriptas, e bem do fundo d'alma lamento que aquelles que maior obrigação têm de velar pela pureza da lingua e doutrinal-a e apostolal-a pelo exemplo, sejam os que mais a deixam conspurcar-se e atolar-se no lamaçal em que se vae submergindo, e elles proprios para isso concorrem, como se tal caso coussa minima e elles pretoros. Ultimamente, porém, mais de perto me tem assediado a magoa do facto alludido ao deparar-se-me, em todos os dias, e em todos os periodicos do paiz sobre que lanço os olhos, e quasi sempre em suas primeiras paginas e em parangona grande, noticias referentes á terrivel epidemia que tantas vidas está dizimando na Russia subordinadas á epigraphe *O Colera*, não sendo excepção á regra geral o proprio diario em que o sr. Dr. Candido de Figueiredo

# NO TERRAÇO DE LAIS

*Já o Sól afundara a luminosa crina.  
No terraço d'opala e porphyro lavrado  
Lais descruza as mãos n'um gesto desolado,  
E vibra descontente a cythara divina.*

*A cnemide esvoaça. E a curva airosa e fina  
Do seio é um Páros com primores cinzelado.  
E ella, que mil e mil amantes tem beijado,  
Curva o torso gentil e a face eburnea inclina!*

*E que, ligeiro Tempo, um fio lhe puzera,  
De prata no cabello; e a grácil primavera  
O' não, não mais trará um fulgido arrebol!*

*Domina-a então a dôr. E erguendo o busto irada  
N'um gesto soberana, a chlamyde rasgada,  
Ostenta o corpo mi que fulge como um Sól!...*

Raul Martins

tem levantada a cadeira em que tão amiude professa as suas eruditas e interessantissimas lições sobre bem fallar e escrever.

O Colera! Que campanha, bem longa, aturada e tenacissima não tem elle feito desde tantissimos annos contra a masculinisação de tal termo que sempre foi em portuguez, e em suas origens ainda as mais remotas, feminino?!

Que o digam as columnas do *Diario de Portugal*, do *Jornal do Commercio* e do *Portuguez* e as paginas das *Lições Práticas da Lingua Portugueza*, em mais do que um de seus tomos.

Pois de cousa alguma tem isso servido, e prosegue alterosa, persistente e impenitente, com a sua derrota triumphal a «tolice monstruosa» a enorme «asneira» (a) O Colera produzindo invenciveis calafrios em que estime e ame, por pouco que seja, a formosissima lingua portugueza...

Lisboa, 2 de outubro de 1908.

RODRIGO VELLOSO.

(a) Assim caracteriza e classifica o sr. Dr. Candido de Figueiredo a expressão «O Colera».

## Chronica ligeira

A festa dos alumnos da escola nocturna da «Liga d'Instrucção», solemnisando o 1.º anniversario da sua installação, foi, sem duvida, o acontecimento mais digno de registo, que houve na quinzena a que me reporto.

Houve tambem a festa dos Bombeiros, commemorativa da organisação d'essa nobre milicia, cujos combates, representando um rasgo famoso d'abnegação sublime, são para defeza, as mais das vezes dos simples haveres, salvando sem matar, antes morrendo para salvar, ao contrario do soldado, como já disse alguém.

Mas a festa dos bombeiros, embora desperte sempre especial interesse e revista em todos os annos uma feição propria para captar as mais promptas adhesões, é já nossa conhecida, facultta-se-lhe toda a sympathia que a propria instituição festejada ins-

pira, mas com ella já se conta, é ensejo operado para justos testemunhos d'apreço e gratas demonstrações de jubilo.

A festa dos alumnos da «Liga», porém, foi nova, a primeira vez que se realizou, era d'outra natureza e tinha um outro alcance, embora se juntasse á dos bombeiros no vertice da mesma aspiração: progresso e prosperidade das respectivas instituições. E, coisa conscladora, ambas tiveram uma orientação salutar, pois n'ellas se evidenciou um caracter francamente educativo. Assim os bombeiros tiveram o seu exercicio, em que deram excellentes provas e os alumnos da «Liga» já na gymnastica sueca, como em trabalhos d'ordem litteraria, mostraram quanto são bem dirigidos o ensino e a educação da sua escola. Mas, além d'isso, em toda a organização da festa, a par das manifestações proprias d'alegria expansiva, notava-se uma grande comprehensão do que sejam as festas d'este genero. A cada numero e a cada motivo correspondia um proposito edificante, admirando-se até na decoração da sala da aula,

sobria mas elegante, o grande e nobre intuito d'exaltar a Patria, como que symbolizando o triumpho de Portugal no futuro, pela diffusão e progresso da instrução e da educação.

Admiravel! E ainda se affirmou, mais uma vez, o que tem de util e generoso, de patriotico e alevantado, a «Liga Barcelense d'Instrução e Educação».

Mas porque ha de haver gente que mal queira a tão prestimosa instituição, cujos fins, claramente expostos nos seus estatutos e firmemente corroborados na sua acção proveitosissima, só merecem applauso? Porque, emfim, ha de haver sempre gente má e invejosa, que, mesmo em detrimento das coisas uteis, não se arreceia de bolsar calumnias e acirrar más vontades.

E quem? Certamente dos que são capazes de todas as baixezas e hypocrisias e procuram evidencia á custa d'um falso apostolado...

Tartufos! Ah! como está a ser preciso de novo o azorrague purificador!

M.

## De relancee

Não se tratou ainda, n'esta *Revista*, de um assumpto que muito deve interessar todas as pessoas — assumpto esse que não esqueceu ao sr. dr. Vieira Ramos, na entrevista, que com elle teve o corpo redactorial d'esta publicação.

E'acuidar muito das construcções e reconstrucções urbanas, de modo a corrigirem-se os muitos defeitos das habitações d'esta villa, que só nas suas condições naturaes encontram uma correcção aos descuidos e falta d'observancia dos mais rudimentares principios da hygiene».

O descuido ou, melhor, o desprezo votado á hygiene das habitações, tem sido, é verdade, um facto. E se esta terra não estivesse em tão boa situação topographica, como está, que foco de doenças infecciosas isto não seria!

As habitações — uma, se não a maior parte d'ellas — em outra terra onde se primasse em fazer com que tudo obedecesse aos rudimentares principios da hygiene, seriam mandadas demolir ou fechar e, nas portas das que fossem fechadas, pôr-se-hia um letreiro com estes dizeres: — **anti-hygienica** — como de facto competia á junta de saude e hygiene.

Aqui, as mais das vezes, entra e sae um inquilino, entra e sae outro, sem que as casas soffram sequer uma pintura de cal!

Além d'isto, o haver sentinas dentro das casas, sem que tenham immediata expedição das aguas e dejectos para os canos d'esgoto ou para caixas

apropriadas, hermeticamente fechadas, o cheiro nauseante não deixa as casas e, de vez em quando, umas vezes, de noite, e até outras, de dia, o transeunte tem de apertar os narizes para não receber em cheio tamanho cheiro.

E quantas vezes a junta d'hygiene vai inspecionar as casas? — ?!... — E quantas vezes se tem dado o facto, bem necessario, de a mesma junta verificar as construcções interiores? — ?!... —

Ora reparem os leitores na rua Nova de S. Bento: vejam se esta rua estivesse em outra terra onde se cuidasse das condições higienicas, aquella rua, ou melhor aquelles *casebres*, não estariam todos ou quasi todos fechados ou seriam até queimados, para obrigar os seus possuidores a fazer novas construcções, nas condições que a hygiene requer.

Ha porém um caso que muito contribue para que este estado anti-hygienico se dê, nas habitações, por motivo das sentinas: é o facto de se não ter cuidado do saneamento geral da villa, a que se referiu o sr. dr. Monteiro, na sua entrevista com o corpo redactorial do *Barcellos-Revista* e de cujo melhoramento, tão necessario como urgente, a actual vereação deseja tratar, depois de fazer a distribuição das aguas, pois que sem estas não podemos ter a hygiene nas habitações, nem a hygiene da villa.

Se não fosse a situação topographica da nossa villa, que é varrida, por todos os lados, pela aragem fresca dos campos, isto era, nem mais nem menos, que um foco de doenças!

J. S.

# Dos nossos poetas

## BALLADA DA NEVE

Il pleure dans mon cœur  
Comme il pleut sur la ville

VERLAINE

Batem leve, levemente  
Como quem chama por mim...  
Será chuva? Será gente?  
Gente não é certamente  
E a chuva não bate assim...

E' talvez a ventania;  
Mas ha pouco, ha poucoquinho,  
Nem uma agulha bolia  
Na quieta melancolia  
Dos pinheiros do caminho...

Quem bate assim levemente  
Com tão estranha leveza  
Que mal se houve, mal se sente?...  
Não é chuva, nem é gente,  
Nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve cahia  
Do azul cinzento do ceu  
Branca e leve, branca e fria...  
—Ha quanto tempo a não via!  
E que saudades, Deus meu!

Olho-a atravez da vidraça.  
Poz tudo da côr do linho.  
Passa gente e quando passa  
Os passos imprime e traça  
Na brancura do caminho...

Fico olhando esses signaes  
Da pobre gente que avança  
E noto, por entre os mais,  
Os traços miniaturais  
Duns pézitos de creança...

E descalcinhos, doridos...  
A neve deixa inda vel-os  
Primeiro bem definidos,  
—Depois em sulcos compridos,  
Porque não podia erguel-os!...

Que quem já é peccador  
Soffra tormentos, emfim!  
Mas as creanças, Senhor,  
Porque lhe daes tanta dôr?!...  
Porque padecem assim?!...

E uma infinita tristeza  
Uma funda turbação  
Entra em mim, fica em mim prêsa.  
Cae neve na natureza...  
—E cae no meu coração.

(1) Augusto Gil

Do seu ultimo livro "Luar de Janeiro,, (1910)

(1) Poeta delicadissimo. — Auctor das mais lindas quadras que se tem escripto talvez, na nossa lingua. — Quadras que o povo perfilha e canta sem saber quem as compoz; tão simples, tão ingenuos, tão naturaes são os seus versos — E' muito meridional pela doce sentimentalidade da sua poesia e pelo infantil pessimismo que lhe dá uma vaga e doce tristeza.

## CARTAS Á MINHA VIZINHA

### VII

A melancolia da minha Vizinha. — Como eu queria ser Mr de Byons. — A vida só é bella quando é cheia de alegria. — A obrigação de ser alegre. — Uma observação justa de Milton. — A alegria, e a tristeza dependem, em parte, da vontade. — Uma Educação racional devia preparar almas com horror á tristeza. — O que a Vizinha deve fazer, para ser alegre. — A saude do corpo e a saude da alma. — A cura da tristeza e das pequenas preocupações, pelo estudo. — Como elle eleva, enobrece e pacifica. — Como elle nos torna até vigorosos, perante a morte. — Socrates, Lucano, Pascal e Goethe.

*Jose lui dire que, sil est dans sa vie passée quelque chagrin intime, elle trouvera dans cette affection générale q'on porte à la beauté et à la vérité une compensation large; que toute tendresse personnelle, fû l'elle meritée finit par sembler étroite; que la seule chose que qui puisse combler un esprit complet, ce sont les grandes vues qui embrassent l'ensemble et les grandes sympathies qui nous font participer à la vie d'ensemble.*

*Taine (Correspondance).*

A ultima vez que a vi, pude ler nos seus grandes e luminosos olhos uma pesada nuvem de tristeza.

Atrevi-me a perguntar-lhe a causa: «Eu sei, vizinho, respondeu-me, é um mal estar geral, um vago mal estar, sem razão, que eu não explico mesmo».

E a sua melancolia, Vizinha, fez-me uma grande melancolia tambem.

E' que me confrangia a alma, quasi como uma profanação, ver esses lindos olhos, simples e puros, como as flores dos campos e que como ellas deviam sempre beber soffregamente o sol claro da alegria, tocados pela sombra gelada da tristeza.

Era como se eu visse as agoirentas azas de um morecego, poisarem na brancura immaculada de um altar.

Tive, n'esse momento o desejo de possuir aquella fina penetração que Dumas at-

tribue a Mr. de Ryons e que lhe dava a facultade de ler no coração das mulheres tão claramente, que sabia encontrar sempre as melhores palavras para as consolar, adivinhando-lhes e curando-lhes, os seus soffrimentos, com o tacto discreto e preciso, de um medico experimentado.

Mas, Vizinha, infelizmente, nem tenho a subtil analyse, desse a quem Dumas chamou: «O amigo das mulheres», nem, como elle, saberia captar-lhe a confiança e a desprevenida e franca amizade.

No entanto, eu que entendo que a vida só é verdadeira e bella, quando é alegre, quando é vivida de uma maneira vigorosa e intensa, porque a alegria é uma fonte de vigor: Eu que penso que, para se ter prazer e amor em viver é necessario, é um dever, procurar a saude para o corpo e a saude para a alma: não resisto á tentação de lhe dizer, Vizinha, que é quasi uma obrigação moral para si, afastar, para longe, essa melancolia.

De lhe dizer que: quem possui, como a Vizinha, um corpo bello e saudavel e uma alma ingenua e recta, tem o dever de não ser triste.

Bem sei que o seu primeiro movimento ao lêr o que lhe escrevo, será de me julgar impertinente.

E dirá: pois se eu pudesse, não afastaria esta tristeza?

Mas, Vizinha, a sua primeira illusão é a de que a não pode vencer.

Não ha dôr de alma, a não ser vinda de uma origem pathologica, que se não possa dominar.

O essencial é ter vontade, é ter energia de querer.

A alma, diz Milton, depende de si propria e tem o poder de fazer do inferno o ceu e do ceu o inferno.

O espirito que tem a sciencia e o poder de dominar-se quasi que cria em si a alegria e apaga a dôr quando quer.

Por esse motivo, toda a educação racional devia tender a crear vontades energicas e almas sãs e alegres.

Devia inspirar em todos um grande amor pela vida, uma grande alegria de viver, um forte e luminoso optimismo.

A Escola, o collegio, devia ser sempre : não um casarão conventual, frio, despido e sótuno, mas claro, cheio de luz, cheio de agrado, carinhoso como um ninho de ave e risonho como uma casa para noivos.

Os pulmões das educandas deviam respirar um ar lavado, estimulante e puro e as almas uma alegria franca, vigorosa e ampla.

As professoras deviam ser, como Herbart as queria: novas, entusiastas, porque os melancolicos e os sótunos, não podem ser bons educadores.

Em tudo: nos livros, no trabalho, nas paredes da casa, nas arvores do parque e nas flôres do jardim, deveriam as alumnas, estudar, aprender a amar a vida e a querer vivela saudavelmente, alegremente.

Devia procurar expulsar-se a tristeza das suas almas, como as doenças dos seus corpos: habituar o espirito a ter-lhe horror.

Era preciso que todos tivessem uma educação para a alegria, como a têm para se alimentar, para evitar os perigos, para conviver, para saber estudar.

Porque saber ser alegre, é uma das formas de saber ser feliz.

Era preciso que os educadores fizessem enraizar tão fundo nas almas das creanças: o amor pela vida, a admiração pelo que

ella tem de bello e saudavel e grande, o desejo de a viver alegremente, que, como a planta procura o sol, ellas procurassem sempre a luz clara da alegria e que nenhuma sombra lh'a apagassee.

A si, Vizinha, resta agora fazer, o que a sua educação não fez: é preciso que tenha o firme proposito de expulsar de si toda a tristeza, de dissipar essa vaga e enervante melancholia que lhe estraga a maioria das suas horas, como um nevoeiro que torda e amortece a luz do sol.

Eu não lhe quero fallar da sua educação physica porque, a Vizinha sabe-o bem e disse-lho na miuha ultima carta: que rara é a alma sã e alegre, sem um corpo são.

O primeiro passo, portanto, é conseguir e fortificar a saude; não a meia-saude instavel que muitas pessoas arrastam, com um sangue pobre e fraco; mas a saude

de vigorosa, com um sangue fortemente oxigenado que um exercicio cuidado faz correr vigorosamente no corpo.

Depois, cuidar da saude da alma: arrancar de lá comoervas damninhas: as pequenas preocupações, os sonhos estereis, as duvidas que mortificam e as anciedades que esgotam.

Nas horas de isolamento em que se

## Santa Maria de Gallegos

BARCELLOS



Padrão parochial

Cliché de H. Gonçalves

Similgravura de M. Abreu

enerva e entristece leia; leia livros saudáveis e alegres. Procure estudar e verá como ha-de encontrar no estudo a paz, a serenidade, a alegria, o esquecimento dos proprios cuidados.

Não estrague o espirito com leituras que lhe excitam a imaginação ou lhe firam a sensibilidade: nem o disperse com uma leitura fragmentaria, ao acaso, indisciplinada.

Estude com um plano, com uma organização. Estude: para educar os filhos, que ha-de ter, para lhes formar sabiamente a alma e assim irá tambem, formando e embelezando a sua.

E como é bello e nobre e difficil saber educar!!

Para esse fim que multiplicidade de conhecimentos não são uteis, alem da propria sciencia da educação!

E que paz não traz á alma, que elevação lhe não dá: o estudo! Tão grande que a não alcançam os cuidados e as intrigas mesquinhas da vida.

A historia e a psychologia, ensinando a ler nos homens; a astronomia ensinando a adivinhar o ceu; a botanica e a zoologia, ensinando a surprender a vida das plantas e dos animaes; a geologia ensinando a comprehender a terra; a pedagogia e a moral, ensinando a formar as almas: como libertam o espirito, das preocupações estreitas, dos preconceitos, que mortificam os ignorantes e os ociosos.

Como seriam bellas as suas horas tristes e vazias, em que o tempo lhe pesa como chumbo, se as preenchesse com um nobre e vigoroso interesse, pela sciencia.

Para os grandes espiritos, com largas e elevadas preocupações, nem o receio e a approximação da morte lhes entristece e apaga o vigor da alma.

Socrates morreu, ensinando philosophia aos seus discipulos e censurando-lhes a fraqueza de chorarem por elle.

Lucano morreu, recitando o seu poema sobre a batalha de Pharsalia; Pascal morreu, consolando os seus, e Goethe o sublime poeta e o fino epicurista, ia a cantar a

sua alegria de vêr voltar a primavera quando a morte lhe fez cahir a penna das mãos geladas.

Do seu Vizinho sempre, a seu pezar:

Importuno.



### Padrão parochial da freguezia de Santa Maria de Gallegos, d'este concelho.

Fica esta freguezia de Santa Maria de Gallegos á distancia de 6 kilometros d'esta villa.

Pertenceu, outr'ora, ao extinto concelho de Prado, que se suprimiu em 24 de outubro de 1855.

O seu abbade até 1834 era da apresentação dos senhores da casa e honra de Azevedo da freguezia da Lama, por descendencia de Pedro Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira de Sá e tinha de rendimento 800\$000 reis annuaes.

O brazão de armas d'esta tão illustre familia serve de capitel d'este padrão.

Tem Gallegos aguas sulphureas eguaes em tudo ás de Lijó (que ficam proximas) e superiores ás das Taipas em mineração, mas inferiores em calorisação. Foram analysadas em setembro de 1867 por o dr. Pereira Caldas, de Braga, João Baptista Schiappa d'Azevedo e F. G. Klass, engenheiro de minas, por ordem do governo.

São muito efficazes para molestias herpeticas, ephelide e suas congeneres, applicadas externamente em banhos e para doenças do estomago tomadas internamente.

### SALA DE VISITAS

#### Revista de Lisboa

Recebemos esta publicação lisbonense, noticiosa e litteraria e collaborada pelos melhores escriptores portuguezes, o que é reclame bastante para a boa acceitação que tem tido, pois ella vae já no 5.º anno d'existencia. O nosso agradecimento pela permuta.

\* \* \*

« O Sardão »

Mais uma publicação barcellense: « O Sardão », folha quinzenal com aspirações a humorista. Registando o seu apparecimento, é nosso desejo que ella tenha longa vida e esta muito cheia de prosperidades.